31761 06562533 7

BRIEF

DPB

0032156

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

CENTENARIO DO NASCIMENTO

DE

Alexandre Herculano

DISCURSO

PRONUNCIADO NA SESSÃO SOLEMNE

DE

28 DE MARÇO DE 1910

POR

CHRISTOVAM AYRES

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia
1910

CENTENARIO DO NASCIMENTO

DE

Alexandre Herculano

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

CENTENARIO DO NASCIMENTO

DE

Alexandre Herculano

DISCURSO

PRONUNCIADO NA SESSÃO SOLEMNE

DE

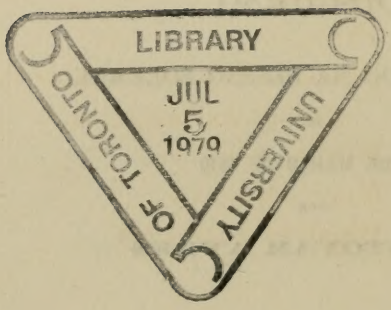
28 DE MARÇO DE 1910

POR

CHRISTOVAM AYRES

LISBOA
Por ordem e na Typographia da Academia
1910

B
2N56



ALEXANDRE HERCULANO (O Poeta)

Senhor
Principe
Illustres representantes das nações extrangeiras
Minhas senhoras
Meus senhores
Illustres consocios.

De ferro, de bronze, de ouro e de esmalte é feito o pedestal de gloria em que a immortalidade assentou a figura majestosa de Alexandre Herculano.

O ferro acerou-o elle nas mais levantadas e vigorosas polemicas que ainda honraram um batalhador da penna e da palavra.

O bronze fundiu-o o seu genio de historiador, que vivificou a historia á luz da critica, desbastando-a de lendas absurdas e firmando-a na verdade documental, depurada no cadinho de uma investigação austera.

O ouro scintilla nas suas novellas, onde revivem a tradição nacional e os sentimentos mais caracteristicos da velha alma portugueza.

E o esmalte de toda a sua obra está na sua producção poetica, que, se não é a mais vasta, é todavia a que doura de uma luz pura toda a sua juventude, e nos dá a explicação d'essa atmosphera de religiosidade que envolveu a sua vida, comparavel á d'esses santos da Edade Média, — que começavam por amar, por batalhar, por soffrer, e iam terminar os seus cançados dias no recolhimento e na meditação.

Essa feição especial da sua obra quero-a encarar, n'uma rapida invocação de tudo que representa de cavalheiresco e de mystico essa figura medieva, que tanto impressionou a imaginação e tanto concitou o respeito de quantos o conheceram em vida, e que, n'este momento, como que dá o cunho solemne de uma apotheose christã a este centenario em que vibra unisona, — até nas maldições e doestos, — toda a alma de uma nação.

*

* *

Herculano poeta explica-nos o Herculano historiador e novellista, e até o pamphletario politico. N'um, refulge toda a poesia grandiosa da

nossa historia, de que elle foi cabouqueiro, operario, artifice, architecto, esculptor, pintor, imageiro, e que deixou de ser nas suas mãos a esteril e convencional narrativa de factos, nem sempre comprovados, para se impôr pelo criterio sociologico no estudo dos phenomenos e das leis que os regem. N'outro, encanta-nos e nos deleita a doce poesia das nossas lendas; surgem aos nossos olhos as epicas e ideaes figuras d'aquelles que batalharam, amaram e padeceram para converter um pequeno condado n'um reino e n'elle crearem uma grande nacionalidade, com todos os caracteristicos do sentimento commum e da raça. E até no batalhador da imprensa e do pamphleto os themas são o que em todos os tempos afagaram e agitaram a imaginação poetica da humanidade: — a liberdade, o bem, a religião pura, a justiça absoluta, — que na vida nacional portugueza necessario era que fossem agitados, na epocha turbada e fratricida em que Herculano cantou, com os sentimentos proprios, os males da patria, em que, desde bem novo ainda, tivera larga partilha.

E a poesia, como toda a arte, tem o quer que seja de divino e mysterioso que leva a entender na natureza o que n'ella é o seu sentimento e a sua alma; a vêr o que o vulgo não vê, a ouvir o que outros não ouvem, a sentir o que outros não sentem, e a adivinhar, a comprehender o que está atraz, dentro, além, em volta das linhas,

das fórmas, das côres,—longe do alcance dos sentidos; alguma coisa que nos dá o sentimento mystico nos quadros de Boticelli e Vinci, de grandioso e esmagador na obra de Miguel Angelo, do sentimento do infinito nos quadros de Rembrant, de torturante nas esculpturas de Rodin, de eternamente humano na obra de Shakespeare, de fresco e transbordante de seiva na de Robert Burns, de pavorosamente bello na de Dante, de profundamente nacional, pela intensão e pelo sentimento, na de Camões!

O sentimento artistico é esse sentimento, como que sobrenatural, que nos leva a entender, sem o querermos explicar, esse laço mysterioso que liga o passado ao presente, as causas aos effeitos, os phenomenos ás leis; essa força que torna essas leis imperiosas; essa aspiração instinctiva á belleza, á perfeição, á harmonia, ao saber; esse dom de creação que faz do homem o eterno Prometheu, que continúa roubando ao Creador os segredos da sua Arte omnipotente, mas fica sempre acorrentado ao rochedo da fraqueza humana,—roidas as entranhas pelo abutre da duvida e da incerteza, perante o Incognoscivel, que jámais será conhecido, mas sentido apenas, com um sentir cada vez mais vivo e mais fundo, atravez da poesia mysteriosa das coisas.

O poeta é grande quando, não só, no que diz do seu pensar e sentir, traduz o sentimento e o

pensamento dos que o escutam, mas quando, sobretudo, na sua lyra palpita a alma de um povo, e, melhor ainda, quando o universo n'ella se reflecte, quando o espirito das coisas penetra no seu espirito.

*
* *

Tal era a poesia de Herculano. Reconheceu-a o proprio escriptor que não tem sido, aliás, para a sua obra da mais absoluta justiça: — «Em verdade, diz elle, Herculano é um grande poeta; os que o cercaram de admirações como historiador, desconheceram a alta superioridade do auctor da *Mocidade e morte* e da *Victoria e piedade*, e por isso não puderam explicar porque é que Herculano nunca escreveu senão prosa poetica, quer na historia critica, quer na polemica.»

E assim é de facto. Poema eloquentissimo é o seu pamphleto politico *A Voz do Propheta;* chronica-poema chamou elle ao seu romance *O Eurico;* nada mais evocativo da poesia da alma de um povo do que essa commovedora historia das nossas instituições, por elle pela primeira vez escripta, para não mais se apagar na memoria e no coração de um portuguez.

Tres cordas sobretudo vibraram na sua lyra: — patria, religião e liberdade.

Deus á poesia deu por alvo a patria!

É no exilio, para onde o haviam relegado as luctas politicas, que aprende a melhor conhecer o sentimento da patria.

Berço do meu nascer, solo querido,
onde cresci e amei e fui ditoso,
onde a luz, onde o céo riem tão meigos...

No silencio da noite, em solo estranho,
patria minha gentil, em ti pensando,
para os astros de Deus olhei...

E aos astros pede lhe levem os seus votos:

Acceita-os d'elles, patria desgraçada.

O mesmo encargo dá a uma andorinha:

Juncto de mim passou: em suas azas
tambem mandei o filial suspiro.

Quando, como asceta que é no amago do seu sentir, se compraz na solidão, necessita que esta lhe afague a sua alma de portuguez:

Oh! dae-me um valle,
onde haja o sol da minha patria, e a brisa
matutina e da tarde, e a vinha e o cedro,
e a larangeira em flôr, e as harmonias
que a natureza em vozes mil murmura
na terra em que eu nasci...

Do amor da patria e do que por ella padece, surge n'elle o amor da liberdade:—«O sonho da liberdade, o sonho da minha juventude, alta fonte de poesia e de acções generosas.»

Pela aspiracão da liberdade todo o paiz se esphacelava em luctas sangrentas; n'estas luctas padecera Herculano e nas suas batalhas batalhara ardidamente; é ella dos seus carmes uma das musas dilectas:

Fanatismo brutal, odio fraterno,
de fogo céos toldados,
a fome, a peste, o mar avaro, as turbas
de innumeros soldados;
comprar com sangue o pão, com sangue o lume,
em regelado inverno,
eis contra o quê, em dias de amargura,
nos fez luctar o inferno!

Quando canta a sua iniciação nas pugnas politicas, o seu exilio, a sua vida errante, as suas privações, os seus jubilos de emigrado ao vêr terra portugueza, a sua partilha na expedição á ilha Terceira, no desembarque no Mindello, nos heroicos combates no Porto, nos horrores e triumphos da guerra civil, «o voluntario da Rainha» canta o sentir e o pensar do seu tempo e enaltece uma das paginas mais bellas da historia do seu paiz.

Era no fundo uma alma de batalhador. Se tivesse nascido n'aquella epocha que genialmente resuscitou nos seus livros, teria envergado o burel de monge e debaixo d'elle traria um arnez de combate.

A sua admiração é por aquelles que libertaram a patria do jugo estrangeiro:

Da aldeia semi-deus, devem-lhe todos
o leito, a liberdade, a honra e a vida.
Ao perpassar do veterano, os velhos
a mão que os protegeu apertam gratos;
com amorosa timidez, os moços
saudam-no qual pae.

Longe da patria chora de saudades por ella:

Terra cara da patria, eu te hei saudado
d'entre as dôres do exilio. Pelas ondas
do irriquieto mar mandei-te o choro
da saudade longiqua...
Quem nunca esquece
O tecto paternal, embora adeje
Ao redor d'elle o medo dos tyranos?

Por entre a nevoa do pranto entrevê a figura alquebrada e triste do pae:

Oh meu pae, oh meu pae, como a memoria
me reflecte, alta noite, a tua imagem
por entre um véo de involuntario pranto!
Quão triste cogitar em mim desperta
a imagem cara...

Mas os éxules, que longe da patria soffrem as dôres e as oppressões dos que lá ficaram, na saudade retemperam a côragem, e correm a libertal-a:

Armas! bradaram no desterro os fortes,
como bradar de um só.
Erguem-se, vôam, cingem ferros; cinge-os
indissoluvel nó.
Com seus irmãos as sacrosantas juras,
beijando a cruz da espada,
repetiu o poeta: —«Eia partamos!
ao mar!»— Partia a armada...

Vem pensando na terra do seu berço; nos que lá soffrem.

Ao sentir as auras que sopram da terra, exulta:

> Pelas antenas, em nublada noite,
> ouvi o vento sul que assobiava,
> e de ouvil-o folguei. Da patria vinha
> seu rijo sopro refrescar-me as veias.

Ao pisar o patrio solo, o soldado sauda-o com ternura e commoção:

> Veia tranquilla e pura
> do meu paterno rio,
> dos campos, que elle rega,
> mansissimo armentio,
>
> terra da minha infancia
> tecto dos meus maiores,
> meu rico jardimzinho,
> minhas pendidas flôres,
>
> harmonioso e sancto
> sino do presbyterio,
> cruzeiro venerando
> do humilde cemiterio,
>
> onde os avós dormiram
> e dormirão os paes...

E realmente muitos eram os que iam dormir o somno derradeiro; porque não foi para repousar, mas para combater e morrer nos campos da batalha, que elles buscaram a patria:

> **As armas se hão cruzado:**
> **o pó mordeu o forte;**
> cahiu; dorme tranquillo:
> deu-lhe repouso a morte...

E o quadro d'esse sangrento campo de batalha dá-nol-o em traços breves e incisivos, com um poder descriptivo que só acode com as côres da verdade á palheta de quem realmente sentiu e padeceu as scenas que narra:

E á voz das trombetas,
ao trom dos canhões,
ao som das passadas
de vinte esquadrões,

e em meio do fogo
de fumo alvacento,
em rolos ondeando
nas azas do vento,

de agudas baionetas
a renque brilhante
tremente avançava,
ao brado de «ávante»!

E o poeta, calado o tumultear fremente da lucta fratricida, medita e canta:

Oh! meus irmãos, da embriaguez da guerra
bem triste é o acordar!
N'essa alta encosta sobranceira aos campos
de sangue ainda impuros,
onde o canhão troou por mais de um anno
contra invenciveis muros,
eu tomando o alaude, irei sentar-me,
pedir inspirações
á noite queda, ao genio que me ensina
segredos das canções.

É o sentimento da piedade ungindo de balsamos a dôr e dando vôos celestiaes á inspiração.

E digam o que quizerem; profundamente christão, profundamente religioso foi Alexandre Herculano. Religioso e christão como foi S. Francisco de Assis, que humanisou e fez commungar com a natureza a rigida e hieratica concepção religiosa da Edade Média; religioso e christão como é esse illustre franciscano Joseph Mc. Cabe que, n'um recente livro, quer vêr o sentimento catholico sahir das trevas, para entrar na luz e caminhar pela verdadeira senda da humanidade,[1] para que não vá perdendo terreno na consciencia dos povos cultos.

Poeta da natureza, poeta politico, poeta religioso, poeta do amor, é sempre o sentimento christão o que o anima e consola.

Invoca a Inspiração como um christão a graça divina:

> Tu, Anjo do Senhor, que accendes o estro;
> que no espaço entre o abysmo e o céo vagueias,
> d'onde mergulhas no oceano a vista;
> tu, que do trovador á mente arrojas
> quanto ha nos céos esperançoso e bello,
> quanto ha no abysmo tenebroso e triste,
> quanto ha nos mares majestoso e vago,
> hoje te invoco!...

Procura os sitios ermos e as ruinas que falam do passado; deante da mutilada cruz que encontra no caminho, todo o seu espirito se

[1] *The Decay of the church of Rome.*

impregna da poesia do Evangelho, que é no seu dizer «protesto escripto por Deus e para os seculos contra as vãs distincções que a força e o orgulho radicaram no mundo»; deante do mosteiro da Arrabida, abandonado e triste, esquece tudo que converteu o monge em instrumento de aversão e guerra, para se lembrar apenas das almas sinceras que appellavam para a paz das suas cellas e para a contemplação do seu ermo, como porto de abrigo ás tempestades da vida.

Fala ao mar, á planicie, ás arvores, ao valle, ao deserto, cuja imagem «guarda bem junto ao seu coração»

com sua fé, seu unico thesouro.

Lembra um propheta biblico; e sentado n'um penhasco, sobre o mar e o valle deserto,

aos pés de Deus derrama a sua alma...

No mar e no ermo tudo é livre; ao que n'elles brota ninguem diz «nasce aqui, ou lá não cresças».

Perante esse espectaculo grandioso ergue um hymno á religião:

do misero conforto,
abrigo extremo d'alma...

Natureza, religião, liberdade, são idéas gemeas no seu espirito.

A sua voz rebôa no espaço infinito como a voz do orgão sob as abobadas de uma cathedral gothica, resonantes e majestosas. Até canta em psalmos e lamentações, e fala por meio de parabolas.

A corrente litteraria da Allemanha não lhe orientou apenas o criterio de historiador, fecundou-lhe tambem a inspiração poetica. Lembra Klopstock, na sua moral austera, na pureza e elevação do seu ideal religioso, no estylo grandiloquo e cheio de majestade.

Parece que nos fala do Monte Sinai!

Combateu o ultramontanismo? É certo. E combateu-o precisamente por estar fóra do verdadeiro espirito do Evangelho, e, — explicou-o excellentemente Antonio de Serpa Pimentel,— «porque o ultramontanismo conduz ao absolutismo na politica».

E Herculano era absolutamente um democrata, sem nunca ter sido um demagogo, como ha quem o queira fazer acreditar. Tão democrata, por convicção, como monarchico. Era um espirito temperado. Por isso amava o povo e detestava a plebe; cantou hymnos á liberdade e odeou a licença.

«Formosos eram os tempos em que pelejavamos pela liberdade do povo; tão formosos quão negros estes em que a plebe peleja pela licença.»

«A licença mata a liberdade; porque, se livremente opprimes, livremente podes ser oppresso;

se o assassinio é teu direito, direito será para os outros assassinar-te.»

«Aquelles que hoje são o amor das turbas serão chamados por ellas para presidirem a conselhos de sangue, a longos dramas de destruição e de angustias.»

Parece uma prophecia: —«O espirito de Deus passou pelo meu espirito e disse-me: vae e faze resoar nos ouvidos das turbas palavras de terror e de verdade».

São estrophes, ou antes versiculos, d'esse poema em prosa a *Voz do propheta,* em que, como no livro similar de Lamennais, se proclama a lei da egualdade, da liberdade, da justiça, do amor, e em que o cartista moderado, sereno, oppunha o escudo sagrado das liberdades, conquistadas por um pacto nacional, aos excessos da demagogia revolucionaria dos setembristas. E explica a razão da sua attitude, em que o poeta empunha o latego para flagellar os que pretendiam levar a nação á guerra e á anarchia: —«Os que só attendiam á moralidade e cordura dos actos de administração ordinaria, lançavam-se na revolução; os que, sem desattenderem taes questões, sem approvarem corrupções ou iniquidades, a que eram extranhos e que tinham condemnado, remontavam a mais elevadas considerações de ordem moral e politica, abraçavam o cartismo.»

E a *Carta* era para Herculano como a Arca

Santa, intangivel, cuja destruição seria a morte. Espirito medievo, queria-lhe como á sua dama, por quem se batera nos prelios mais sangrentos, qual cavalleiro da *Tavola redonda* ou da *Ala dos namorados*.

«A Carta, diz elle, havia sido o grito de guerra do campo liberal em lide de um contra dez. Havia sido, digamos assim, a traducção moderna do *Sanctiago!* de Affonso I, do *S. Jorge!* do Mestre d'Aviz. Nas reminiscencias indeleveis de muitos de então (bem poucos hoje) estavam ainda os vivas á Carta proferidos por labios que iam cerrar-se na morte, quando as bayonetas inimigas desciam inexoraveis sobre o peito ou sobre o ventre dos nossos soldados feridos e derribados. Em nome da Carta se tinha desfeito o triangulo fatal do patibulo, e quebrado o ferrolho da masmorra e da enxovia; em nome d'ella se tinham aberto para os foragidos as portas da patria que davam a desertos do desterro, do desterro que é sempre solidão e desventura. A Carta fôra como a estrella polar da esperança nos dias, tão longos, da fome, da nudez, das tempestades, do desalento. Vivia depois como envolta na saudade d'esses dias, acre e quasi dolorosa saudade, que nós, os velhos, ainda sentimos, mas que será provavelmente uma cousa inintelligivel para as gerações novas.»

E D. Pedro IV que a outorgou á nação me-

rece-lhe os mais rendidos titulos de gratidão e de respeito.

Como parecerão hoje, a muitos, extranhas aquellas palavras de Herculano, e mais extranho ainda que, em versiculos e parabolas, a sua prophetica voz envolvesse n'essa atmosphera de culto religioso aquillo que para tantos representa agora como que um embaraço importuno ao espirito retrogrado de uns e ao insoffrimento iconoclasta de outros!

Em Herculano o sentimento da liberdade casava-se harmonicamente com o da religião. N'este verso resume o seu credo:

Creio que Deus é Deus, e os homens livres!

Outro christão sentimento o alentou sempre:—a caridade.

Entendia, como Tolstoi, que na alma humana existe uma lei suprema, a eterna lei christã:—«essa lei, tão simples e accessivel a todos, diz o apostolo da egualdade, consiste em se amar o proximo como a nós mesmos, e portanto em não fazermos aos outros o que não queremos que se nos faça.»

Este tão largo sopro de amor e de fraternidade, que tem levado dezanove seculos a procurar converter-se em factos, que ainda estão longe de terem cabal execução nas leis humanas, caminha de triumpho para triumpho, e ahi

o temos agora animando largamente o codigo civil allemão, cuja influencia se vae fazer sentir na legislação do mundo, e que, baseado no methodo evolucionista e historico, estabeleceu o supremo principio de que «o exercicio de um direito não é permittido quando não representa para quem o exerce uma vantagem, e tenha por fim unicamente o prejuizo de terceiro». Que largo passo no caminho do sentimento christão, antepondo ao principio individualista o da solidariedade social, e acabando com o poder absolutista do titular de um direito que podia querer ter em vista unicamente o prejuizo de alguem, como tantos codigos lh'o permittem ainda.[1]

*
* *

Foi fecundado pelo sentimento christão que Herculano entrou abertamente na corrente do romantismo, de que foi em Portugal, com Garrett, sobretudo, e com Castilho, um corypheu brilhante,—como o Duque de Rivas, Spronceda e Zorrilla em Hespanha, como Goëthe e

[1] *Les codifications de droit civil et la solidarité européenne,* par M. Zivoïn Péritch, professeur à l'Université de Belgrade.—*Bulletin Mensuel de la Société de Législation comparée.* 4e Année, n.os 10-12.

Schiller na Allemanha, como W. Scott e Byron na Inglaterra, como Bonald, José de Maistre, Chateaubriand e Victor Hugo em França, como Alfieri e Manzoni na Italia.

Ninguem comprehendeu melhor que Herculano a synthese sentimental e philosophica que influiu na litteratura do seu tempo. «O romantismo, diz Brunetière, é o triumpho do individualismo, a emancipação completa e absoluta do Eu.»

Herculano já dissera muitos annos antes que «o Universo não era mais do que a repetição indefinida da individualidade».

O romantismo implantou a liberdade no campo das lettras e da arte, e foi ao mesmo tempo a expressão litteraria do sentimento nacional. A litteratura voltou com elle a ser o espelho da sociedade, como o fôra entre nós no tempo de Gil Vicente, e a reproduzir o espirito e o sentir de cada meio; e n'este ponto é na obra poetica, embora mais restricta, de Herculano que essa feição se encontra.

Mas as caracteristicas do romantismo apparecem n'elle attenuadas; no seu espiritualismo religioso não reponta o sensualismo que se nota em alguns dos seus contemporaneos; não se vê na sua obra essa revolta do individuo contra a ordem social, que levava um seu contemporaneo a dizer, na doentia preoccupação do seu tempo: «En verité, l'homme a rarement tort, et

l'ordre social toujours.» O seu individualismo sentimental não gemeu no vacuo, na dissecação enfermiça do Eu; desdobrou-se no individualismo nacional. Quando chora os infortunios proprios chora os do seu paiz. Tinha, como todo o bom romantico, por idolos a Natureza e a Liberdade, por synthese o Pantheismo; mas era um espirito positivo, e os germens deleterios da escola que cedo degenerou n'uma sentimentalidade piegas, n'uma emotividade postiça, não lograram corrompel-o; e d'elles o salvaram de todo, depois, os estudos historicos, que lhe deram não só a synthese da vida e da sociedade humana, mas o levaram a conhecer que o homem não vive fóra da natureza e do seu meio social, antes é legitimo producto de ambos.

As idéas abstractas do Bem, do Mal, da Virtude, da Felicidade, da Justiça, não tinham para elle a mesma significação absoluta que para outros, errantes pelas regiões do sonho; mostrava-lhe a historia quanto a essas concepções do espirito se contrapõem, na realidade da vida, as condições da natureza humana.

No grande movimento, desordenador de idéas e sentimentos, que o romantismo representa, Herculano consegue manter o principio da ordem, disciplinador do espirito.

O ideal feminino, fonte perenne de inspiração para os poetas, pouco vibrou nas cordas

da sua lyra, mais de bronze para cantar os sentimentos graves e solemnes, do que de crystal para gemer na excitação dos sentidos, ou vibrar nos extasis da paixão. Será porque nunca a tivesse encontrado na vida? Será porque, tendo-a encontrado, cedo a houvesse murchado o desgosto?

De que uma grande magua de amor feriu seu moço coração, e que, mais tarde, no perfume suave e modesto de uma flôr do campo encontrou balsamo a essa dôr, alguma coisa nos dizem os seus versos:

> Eras tu, eras tu que eu sonhava,
> eras tu quem eu já adorei
> quando aos pés da mulher enganosa
> meu alento em canções derramei.

E o amor d'essa «virgem pura dos campos» a quem seu estro se dirige, na serena paz de um viver tranquillo, é mais um motivo para n'elle acordar essa accentuada feição mystica do seu espirito:

> No silencio do amor, da ventura,
> adorando-te, oh! filha dos cèos,
> eu direi ao senhor: tu m'a deste;
> em ti creio por ella, oh meu Deus.

Tudo n'elle converge para o sentimento absoluto do Universo creado e creador.

*
* *

O poeta ouve, dentro de si, todas as vozes da natureza e entende-as como ninguem; o sentir da natureza communga com o seu sentir; e se, na expressão do que viu, do que recebeu, do que entendeu no mundo dos sentimentos e das coisas, consegue levar á sensibilidade de quem o escuta a vibração da sua alma, cumpriu a sua alta missão social, que é como que um ideal sacerdocio, que traz todos os espiritos á communhão encantadora da natureza. Esta já não é, na obra humana, encarada como uma funcção do homem, que não passa de uma parte integrante d'ella, mas que no admiravel instrumento do seu espirito reflecte tudo que ha de grande, de bello, de infinito no universo, que, no fim de contas, é Deus, seja qual fôr a synthese que esta palavra represente. Por isso Herculano «aos pés de Deus derrama a sua alma» ao embeber-se no extasis contemplativo da natureza. E se os poetas lhe dão a sensação inenarravel d'esse mysterio, com elles se levanta ás regiões do indefinido:

«Lamartine! com uma poesia celeste tu fazes adorar a religião que saudaste em teus hymnos solitarios. Monti! tu nos encheste de um

terror delicioso conduzindo-nos aos humbraes do outro mundo.»

É um mystico! Toda a sua obra, toda a sua vida se resente d'esse estado de alma, que parece uma regressão ao espirito batalhador, heroico e religioso da Edade Média.

*
* *

Comparei-o a S. Francisco de Assis; e veria no meu espirito um perfeito parallelo se lhe não faltasse essa encantadora mansidão d'alma, essa irradiação de allucinante nevrose, esse poder de illuminado que caracterisava o fundador da Ordem mais encantadoramente christã que, no seu inicio, illuminou a Europa com a luz suavissima do Evangelho. No mais, em campos diversos, mas ambos ferteis em fructos do bem, muitos pontos de semelhança encontra a minha imaginação.

Francisco de Assis teve a mocidade agitada; entrou nas luctas do movimento communal que, nos seus primeiros annos, convulsionou o dividido solo da Italia, n'uma aspiração de independencia e de unidade; bateu-se n'essas luctas; deixou a sua terra natal e padeceu longe d'ella; se não teve o baptismo das batalhas, por

haver adoecido, buscou-o n'um sonho guerreiro; regressado d'esse sonho, desinteressou-se das grandezas em que vivia para se interessar pelos pobres e pelos miseraveis; errou pelos campos, embebendo o espirito na natureza, para no seio d'ella alargar o espirito christão; falou ao sol, ás aves, ás coisas, como a irmãos; para a obra que se propoz restaurar, o mosteiro de S. Damião, onde viveu Santa Clara, — que á sua obra trouxe a collaboração fecunda da sensibilidade feminina, e onde encontrou consolo, estimulo e refugio na vida —, elle proprio acarretou as pedras e levantou as paredes; ao arrojo d'essa reconstrucção respondeu a rotina com doestos e pedradas, e os bandoleiros o lançaram a um fosso cheio de neve; a sua intensa fé era toda bebida nos mananciaes crystallinos do Evangelho; por ella batalhou, edificou, foi apostolo, creou proselytos numerosos, fundou escola, e morreu com a sua alma cheia do sol, a que elle erguera o hymno mais commovedor e eloquente, no silencio d'aquelle eremiterio onde melhor o seu espirito se comprazia, e onde, nas horas de desalento e tristeza, encontrava repouso, saude e inspiração.

Herculano, egualmente, passou na turbulencia os seus annos juvenis; atordoaram-no as luctas que no seu paiz eram accesas pela aspiração á liberdade; envolvido n'ellas teve de emigrar, padecendo resignado os tormentos da po-

breza e do exilio; n'essas vicissitudes da propria existencia aprendeu a amar as alheias dôres; cantou-as, padeceu-as, como se proprias fossem; tudo que era fraco e desprotegido enternecia a sua piedade; a planicie, a montanha, as arvores, o deserto eram os seus interlocutores; na sua visão, tambem conversava com as ondas, com os astros, com as andorinhas, pedindo-lhes levassem saudades á sua patria; no seio da natureza «derramou a sua alma», e, n'ella, maiores, mais puros, mais christãos se sentiam a sua fé e o seu estro; rejeitou, desprezou todas as honrarias e grandezas; para a sua obra mais querida, a sua *Historia,* — onde tambem uma clara, purissima fé nos destinos da patria o alentou e o ungiu, — carreou, como o *Poverello* de Assis, os materiaes, aqui e além buscados, exhumados, com esforço e persistencia, e os affeiçoou e apparelhou, n'um edificio de amor e devoção; n'esse templo guardou o que havia de mais carinhoso no seu pensar e sentir, e nas suas peregrinações dolorosas pelas lettras, pela politica, pelos conflictos da vida, foi tambem lapidado e procurado inutilisar nos gelos do desamor e da injustiça; — mas, apesar d'isso, ou mesmo por isso, foi o *sacerdos magnus* do ideal do seu tempo; o seu prestigio dominou a sua epocha; a uncção christã sagrou a sua obra; — e quando, no seu mosteirinho de Val de Lobos, rodeado da verde-negra sombra dos olivedos,

onde nem sequer faltou o calix da amargura, de vez derramou no seio da natureza o seu grande espirito, se não disse, ao vêr avizinhar-se o momento derradeiro, poderia ter dito, como Francisco de Assis:—«Irmã Morte, sê bemvinda!»

Mas expirou pedindo «luz! luz!», como o *Poverello* invocava o sol, no hymno immortal que o seu genio poetico lhe consagrou, e que, em volta do seu mortuario leito, era entoado pelos que o rodeavam, e murmurado pelos labios mais eloquentes que ainda souberam falar de Deus, e que para sempre se iam cerrar na morte.

Herculano, invocando a luz, ao vêr chegar o mysterio eterno, não fazia mais do que confirmar a sua vida toda, consagrada a fazer brotar a luz dos lobregos archivos, da bronca intelligencia de um povo, atrophiada pela ignorancia, da sua consciencia embrutecida pela superstição e pelo erro, do seu coração transviado do sentimento real da natureza e da arte por uma litteratura postiça de dois seculos, e até do azeite que extrahiu das suas oliveiras e com que alumiou, em tanto lar humilde, tanta dôr occulta e tanta recatada alegria!

E foram os seus versos, principalmente, que trouxeram á alma portugueza (que parecia debater-se nas trevas, desde que se abrira para Camões uma sepultura e para Damião de Goes uma masmorra) esse baptismo de luz divina,

n'um jorro de inspiração pura, casta, profundamente christã.

Foi para o envelhecido e apagado Portugal como que uma aurora! Esse gigante, que refundiu a historia, que interessou um povo pelas suas tradições e origens, que lhe ensinou o verdadeiro caracter e o valor das suas instituições, que nos periodicos litterarios e scientificos que fundou constituiu como que pulpitos de propaganda civilisadora, ventilando os mais interessantes problemas da intelligencia e da consciencia humana, fez tambem entrar, ás golphadas, na nossa litteratura o clarão que andava já fecundando as dos paizes progressivos da Europa.

Espirito vasto e cheio de mysterio, como o mar que a tantos seculos embala os nossos sonhos; alto e imponente como as cordilheiras do Herminio, onde, com as aguias altaneiras, mais alto pairam ainda as luzas tradições; luminoso, creador, fecundo como o sol que torna o chão portuguez privilegiado na terra, — não só domina o seu tempo, mas a nossa historia. Anthero de Quental põe Herculano tão alto como Camões, para o apreço da mocidade.

Foi um titan; cyclopico foi o seu trabalho: — de mineiro, arrancando blocos de pedra, gigantescos como os que formam os dolmens e os *menhirs* prehistoricos; de canteiro, acurvando as arcarias e dentando as poderosas ameias dos

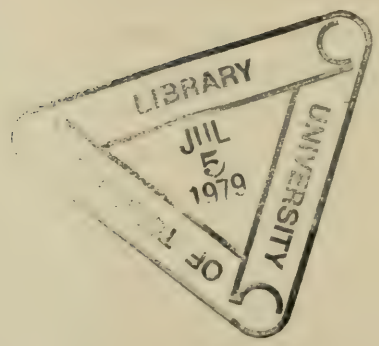
castellos medievos; de forjador e fundidor, forjando o ferro e fundindo o aço, com esse poder sobrehumano com que Siegfried fez sahir da forja o seu gladio invencivel! Mas o que ha de mais bello na sua obra é o que seu estro produziu, quando, na quadra bella da sua mocidade, no doce alvorecer da vida, abriu as azas serenas sobre as ondas convulsas das paixões humanas, como o alcione ou o albatroz por sobre os cachões do indomito oceano.

E se toda a obra admiravel de Alexandre Herculano ficou para dar á alma portugueza a consciencia da sua grandeza no passado e do seu alto destino na terra, os seus poemas ficaram representando nas lettras patrias a resurreição do espirito christão e livre, cuja emancipação significa a emancipação de um povo e de uma raça!

*
* *

Contou um jornalista que foi assistir ao enterro — pobrissimo enterro! — do grande escriptor, ter ido encontrar na egreja de Azoia, junto ao caixão, pousado sobre uma eça humilde, apenas uma creança do povo, de thuribulo na mão, envolvendo em rolos de perfumado incenso o cadaver venerando.

Essa creança representava as gerações do futuro: nós todos, os de hoje e os de ámanhã, que velamos pela memoria respeitada e querida de Herculano; — e aquelle incenso era como os effluvios da alma portugueza a derramarem-se n'este grande templo, onde jámais desapparecerá o culto do Mestre, templo que elle concorreu para que fosse mais conhecido, mais respeitado, e mais bello, — templo do nosso culto mais alto e do nosso amor mais fundo —, e que se chama Portugal!



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
DPB
0032156

825-162

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 07 19 11 003 9